

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA - CAMPUS BARREIRAS  
BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

# CIDADES IRMÃS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
ÁUREA GABRIELA MOURA GUMES  
ORIENTADORA: JUREMA MOREIRA CAVALCANTI  
COORDENADOR: DIEGO CARVALHO CORRÊA

## AGRADECIMENTOS

Sem ordem, agradeço grandemente

Os esforços dos meus orientadores em me fazer entender o mundo por mais perspectivas, sem esquecer as que já carrego. Escrever, produzir, aprender, pesquisar, são tarefas trabalhosas e ter nesse desenrolar pessoas tão incríveis como os meus orientadores me permitiu alcançar desconhecidos, viva a humildade, o respeito e a instituição pública de ensino, livre, inteligente e potente, meu muitíssimo obrigada a Jurema e a Diego.

A Diego e à Jurema agradeço também a amizade, construída no trabalho árduo de escrever e se ver no mundo, estendo à pessoa de Itana para agradecer todos os dias de trocas e de ajudas, distantes do trabalho, para rir, acolher e compartilhar o que há de mais raro no mundo.

A minha mãe e família e pai e família pelo reforço do amar cotidiano e embaraçado, agradeço por me permitirem estar onde estive, traçar caminhos sabendo que teria para onde voltar mesmo conscientes de que não voltaria a mesma e disponíveis para entender, acolher e continuar a apoiar todas as possibilidades de existências minhas nesse mundo. Vocês me tornam possível.

Agradeço à minha avó, nominalmente, Juvina Áurea porque é dela que parte a lenda da serpente que eu acredito. Agradeço os meus irmãos a descrença quando penso em não ser capaz.

A Tiago a parceria da faculdade desde que nos tornamos dupla, e a amizade que construímos sendo assim, à Milena todos os momentos de aprendizado e lembrança de quem tem um amigo tem tudo.

À Ada e à Duda, a dinastia Brise que alcancei, agradeço por me permitirem estar perto e por confiarem.

Ao meu trio de estrelinhas, à Ranna e à Fernanda meu muito obrigada, não cabe aqui o tanto, por tudo e pelo que vier, por todos os dias, obrigada.

A turma 2016 agradeço o acolhimento, grandemente, especialmente à Camila lone agradeço a amizade e o incentivo.

À Ana Paula agradeço por me manter acreditando, com afeto, pelo almoço, jantar e café da manhã, pela faxina e pelas lavagens de roupa, agradeço pelo cuidado e pelo dia a dia, lado a lado.

À Gabriela Santos Abrantes, meus sinceros agradecimentos por ser meu lar.

A Janja agradeço a amizade e especialmente o companheirismo.

Aos amigos todos, agradeço os incansáveis abraços, vocês representam não só em narrativa mas também, partilha, obrigada por compartilharem comigo o viver desse trabalho, porque eu tenho amigos, eu não tenho preocupações.

Ao IFBA Campus Barreiras, especialmente as professoras Helena Avanzo e Delânia Azevedo.

À minha banca de trabalho de conclusão de curso, as professoras Jurema Moreira, Delânia Azevedo e ao professor Diego Corrêa da casa e a professora Gabriela Gaia pela gentileza e cuidado em mobilizar com este trabalho.

Agradeço quem esteve aqui e quem sempre estará em narrativa, caminhando lado a lado.

“A gente tem muitos inimigos, alguns deles são mitos e fetiches que a gente cria na academia, [...] isso diz o que para nós? tem alguém no comando”. Ermínia Maticato LABHAB 2018.

## PRÓLOGO

Essa escrita é um percurso, uma travessia, um atravessar de caminhos, imagens, narrativas e mitos sobre duas cidades: Juazeiro e Barreiras; não para apresentá-las ou circunscrevê-las em contornos definidos, mas para aproximá-las, entendendo que a ideia de separação física entre as duas é redutora de entendimentos. Barreiras e Juazeiro são próximas em muitos aspectos e é sobre esses muitos, que a escrita que segue, se debruça; num ir e vir de caminhos que dispensa pontos de partida ou chegada, para encontrar-se no meio, em paradas que compõem percursos não lineares, feitos de memórias, afetos, reflexões; percursos que se desenham para abrir possibilidades, nunca encerrar. E assim como Lúcia Peláez, contada por Galeano, Áurea nos apresenta uma narrativa composta por fragmentos coletados de uma história que também lhe pertence.

Jurema Moreira

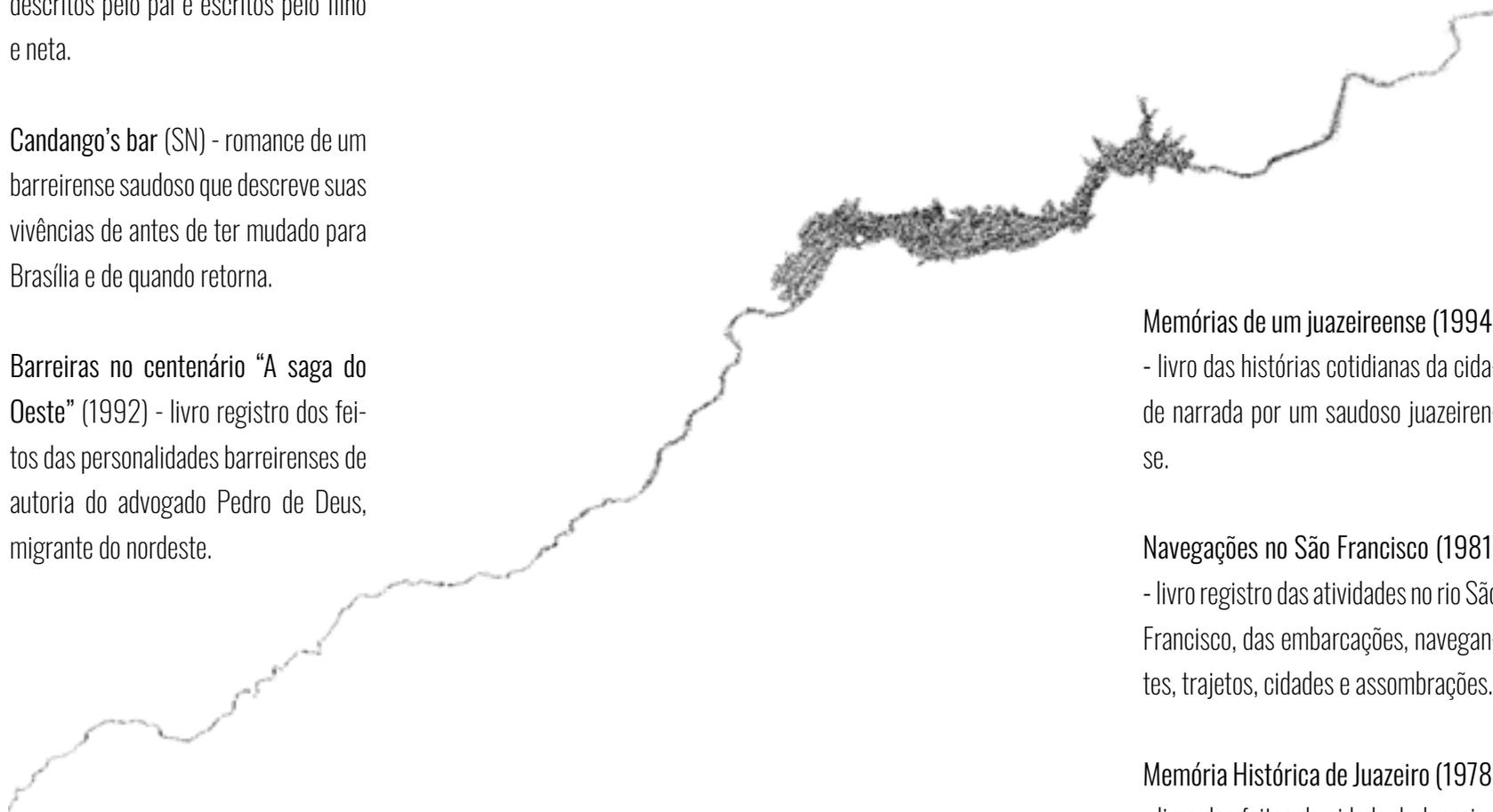
## SUMÁRIO

Mapa de fontes literárias	12
Quereres	14
Razões	26
Desdobras	45
Redobra	65
Outras dobras	69
Referências	88

**Breves Memórias da Terra-do-já-teve** (2005) - livro de contos sobre a cidade de Barreiras e seus personagens, descritos pelo pai e escritos pelo filho e neta.

**Candango's bar** (SN) - romance de um barreirense saudoso que descreve suas vivências de antes de ter mudado para Brasília e de quando retorna.

**Barreiras no centenário "A saga do Oeste"** (1992) - livro registro dos feitos das personalidades barreirenses de autoria do advogado Pedro de Deus, migrante do nordeste.



**Memórias de um juazeireense** (1994) - livro das histórias cotidianas da cidade narrada por um saudoso juazeirense.

**Navegações no São Francisco** (1981) - livro registro das atividades no rio São Francisco, das embarcações, navegantes, trajetos, cidades e assombrações.

**Memória Histórica de Juazeiro** (1978) - livro dos feitos da cidade de Juazeiro, das construções grandes e pequenas e das personalidades da cidade.

## QUERERES

Esse trabalho é sobre narrar. Decido imbricada pela necessidade de percorrer como produção os caminhos que já percorro pelo viver, pelo dar-se conta dos caminhos de água que atravessam os continentes e pelas motivações de assim fazê-la. Narrar é notar os ditos e não ditos, numa dinâmica parcial, e aqui, uma tentativa de registro dessas cidades ou de proposta de cidades, dados pelos seus viventes.

Uma cidade é, sem dúvida, antes de tudo, uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido das relações sociais, mas o que importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado, de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam. (PESAVENTO, 2002, p. 32)

Parto dos lugares Juazeiro e Barreiras, cidades de médio porte - 216 mil e 137 mil habitantes respectivamente (IBGE 2010), atravessadas pelas dinâmicas de beirar águas, o rio São Francisco e o rio Grande; das pessoas e dos modos de vida constituídos nos cotidianos, isto é, parto das narrativas dessas cidades, sejam elas materiais ou imateriais.

A representação guia o mundo, através do efeito mágico da palavra e da imagem, que dão significado à realidade e pautam valores e condutas. Estaríamos, pois, imersos num “mundo que se parece”, mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto “cidade”. (PESAVENTO, 2002, p. 8)

Representação portanto, aparece aqui como um modo de ler e expressar a cidade isto é, a interpretação dela, lida através das produções literárias, imaginadas, e reafirmadas pela vivência nas ruas, beiras, meios, largo ou estreitos, pontos de encontro ou não dessas narrativas expressas no conjunto de materialidades da cidade, concretas ou narradas, desdobramentos dos não autores, e sim dos narrados - sujeitos.

A prerrogativa é entender dentro e entre esses lugares, quais são as representações que confabulam o mundo urbano, em que (e como) aparecem os entendimentos do ser cidade, caminhando pelas narrativas próprias e apropriadas que forem emergindo nas buscas referenciais, trata-se portanto de uma pesquisa qualitativa com descrição densa<sup>1</sup> a partir das literaturas das cidades e dos percursos, registros fotográficos de antes e do agora, análise dos jornais ou registros institucionais acerca

1. A interpretação das culturas, parte 1 - por uma teoria interpretativa das culturas CLIFFORD GEERTZ (1926).

da relação posta, além de pensar a partir das memórias. Parto pela narrativa, considerando a linguagem uma das lógicas definidoras de poder — para além do dominador, o poder de construir vontade de sobreviver.

Objetiva-se aqui buscar pontos de encontro e desencontro entre as narrativas das duas cidades considerando os dois percursos de traslado, por terra e por água, nos distintos períodos de narrativa hegemônica, entre as décadas de 1950 e os anos 2020 sobre o desenvolvimento urbano, analisando, a partir disso, algo que emergja entre os dois lugares, considerando o todo e as partes, entendido aqui como caminho do meio.

Esse trabalho começa como um lugar de representar memórias e sensações das duas cidades em questão, uma tentativa de entender alguma possibilidade de semelhança nas estéticas, nos modos de viver e ver as representações. Depois, passo a mergulhar nos registros materiais, fotografias, livros, notícias, buscando um lugar, até chegar no entendimento de que o trabalho é sobre interpretar narrativas e talvez chegar numa outra narrativa nesse percurso.

Penso caminhar pelas memórias, da minha família, nas

minhas, procuro memórias e acabo por encontrar lugares que cabem, os livros “memória de um juazeirense” e “breves memórias da Terra-do-já-teve”, narrativas publicadas nas duas cidades, marcadas por um tom saudosista, os dois autores apaixonados pelas suas cidades natal o que revela para mim um recorte narrado. Invisto nesse lugar da literatura e encontro também outras possibilidades, em Pedro de Deus e em Candango’s Bar.

A escolha dessas narrativas desenha um recorte temporal a partir da segunda metade do século XX, quando parece ser posto um conflito entre um passado e um futuro narrados, ora com amor, ora com pesar. Dessa gangorra emergem então os protagonistas das narrativas que guiam qual lado está por cima e qual por baixo em determinados registros formais, informais e oficiais, seus desdobramentos talvez consigam demarcar formas de desenvolvimento e vida nas cidades, suas relações próximas e distantes do rio, da rodovia e da memória.

Interpretar essas relações nessa perspectiva sugere uma possibilidade de ler a história das duas cidades e de como conectá-las em narrativa para além da conexão já estabelecida. Digo já estabelecida porque, antes que eu pudesse sugerir relações, estava lendo-as, nas

fotografias dos mesmos barcos em cada um dos cais, nas pessoas que migraram uma para a outra, nas lendas compartilhadas, em mim e nos processos do cotidiano que fazem as duas cidades irmãs<sup>2</sup>.

Entendimento que mobilizou pensar os caminhos, como atravessam pessoas, mercadorias, tradições e memórias no norte do estado até o oeste, cerca de seis dias de viagem de barco e 900 km por rodovia. O meio então, toma forma nos pontos de encontro durante o trajeto, os lugares que são, ao mesmo tempo, paradas e estadas que constituem relações - talvez as mesmas se considerarmos caminhos para além de Barreiras e de Juazeiro. Essa paridade mobilizou questões como, o que são as cidades nesse contrapondo do trajeto?

As interpretações dos percursos, inicialmente em mapa e depois em leitura, começaram a aparecer como um questionamento, como essas passagens transformam as cidades? Os trajetos de água percorrem as cidades, atravessam e mobilizam seus moradores com a passagem dos barcos, já o trajeto pela rodovia tem a passagem dos caminhões circundando as cidades, percorrendo as margens e quando não, com menor frequência, correspondem a um problema de mobilidade, articulação

---

2. Referência à fala do meu amigo Tiago Freitas de quando visitou Juazeiro em 2019.

e planejamento urbano, parece que pela água o trajeto se aproxima da cidade e dos viventes e pela terra se afasta.

Olho agora com a menor escala utilizada nesse trabalho para elencar as aparições dos trajetos, buscando entender como as cidades, em especial, Juazeiro e Barreiras, se apropriam das rotas, dos viajantes e dos transportes nos caminhos.

01. Mapa do trajeto.



01. Barra; 02. Pilão Arcado; 03. Remanso; 04. Sento Sé; 05. Casa Nova;  
 06. Remanso; 07. Ibotirama; 08. Irecê; 09. Jacobina; 10. Senhor do Bonfim.

No mapa estão marcados em azul o rio Grande e o rio São Francisco, e em preto as rodovias BR 242 e 407. Nessa imagem, o entendimento se dá pela aproximação e pelo distanciamento das cidades com os trajetos, primeiro observando a água, as embarcações passavam pelas cidades de Barra, onde o rio Grande encontra o rio São Francisco, Xique-Xique, Pilão Arcado, Sento Sé, Casa Nova, Remanso e Sobradinho, para além dos distritos e outras ocupações ribeirinhas, onde se relacionavam, barcos, pessoas, mercadorias, serviços, animais, memórias e histórias trazidas e levadas pela passagem.

Essa representação aconteceu a medida em que fui entendendo os caminhos que estava a falar, fui aos poucos revisitando as diversas viagens que fiz, entre Juazeiro e Barreiras, ao passo em que ia notando os lugares, pessoas, paradas. Marco as cidades 07, 08, 09 e 10 porque as considereei entroncamentos importantes, evidente, faço usando a minha percepção. Para traçar a água desenhei sobre seu próprio fazer caminho, as cidades em destaques foram aparecendo pra mim nos documentos e literaturas que falavam desta rota.

Levando em consideração que hoje não se percorre mais por água, que as cinco cidades inundadas pela construção da Barragem de Sobradinho não são sequer fisicamente as mesmas, tampouco estão localizadas nos mesmos territórios, observo como essas dinâmicas fizeram delas, cidades desconhecidas entre si; não se estabelecem mais proximidades, ainda que possam aparecer pessoas que se relacionem com elas, se esvaziou a importância de uma para a outra.

Olhando para o trajeto da rodovia agora, me parece que essas cidades estabelecem relações distanciadas, penso no caminho dos carros, caminhões, carretas que percorrem as proximidades das cidades, que passam pelo perímetro quase que em segredo dos moradores que lá habitam, por rotas alternativas - anéis viários, faz parecer que a passagem por uma ou por outra pouco tem de significado, a partir disso, acende pra esse trabalho uma outra questão, ou uma possível resposta.

Como as cidades se relacionam com os caminhos traçados entre elas? O que são as cidades nos trajetos? Penso que em alguma medida sejam importantes, seus fluxos, seus moradores, suas organizações, mais importantes no passado, em que de fato se estabeleciam

relações, menos agora, quando o que se produz, vende e transporta, pouco tem a ver com os que vivem nas cidades. São elas, passagens que representam formas e possibilidades para os que percorrem o caminho ao mesmo tempo que são permanências para os que residem.

Pontuo, muito importante são as cidades para os trajetos, imagino que possam ser motivadoras do fazê-lo, relacionam as moradias, os postos de abastecimento, o asfalto, os restaurantes, as rodoviárias, estão relacionadas. A dinâmica que observo aqui se diz respeito às práticas que reverberam dos trajetos, numa perspectiva de antes e agora, e não cabe aqui reducionismos ou dualidades.

A atribuição de sentido que é dada define portanto como são essas cidades no trajeto, pontos de parada ou não, essa não se limita à forma em que se acessa, é a maneira que esse acesso se relaciona com os que ficam, os que param e os que seguem. Entendida aqui a cidade como uma atribuição de sentidos à materialidade e relações sociais, e a representação como a palavra e imagem que dão significado a uma realidade, caminho pelo fazer cidade através das representações de mundo, nas narrativas de cidade, em especial nas literárias, sobre elas, destaco que, para além da importante história narrada,

se tratam de registros imbricados.

A linguagem sustenta o corpo não por trazê-lo à existência ou por alimentá-lo de maneira literal; ao contrário, é por ser interpelada nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível. (BUTLER, 2021, p. 17)

As narrativas expressam um lugar específico e de seus personagens, uma representação de cidade, e esse desenho parece revelar relações sociais e edificantes, aparecem portanto, como uma possibilidade de ler a cidade em realidade. Barreiras, até meados da década de 1960, vivia o momento em que “quase tudo já deu na Terra-do-já-teve”<sup>3</sup> nos anos seguintes vai ser palco para o desenrolar da terminologia “Terra-do-já-teve”, passando pelos processos de silenciamentos do passado, ultrapassado pelo futuro. Digo, ideal de futuro, protagonizado pela linguagem do progresso, uma proposta de fazer da região um polo de desenvolvimento<sup>4</sup>, o que culmina nos anos seguintes, 2000, na criação do Município de Luís Eduardo Magalhães, antigo Mimoso do Oeste.

Notar como emergem as narrativas possibilita então o entendimento de que a dominação da linguagem também produz cidade. O trabalho segue adiante na ten-

3. Trecho do conto “Dando gaitada do futuro” do livro *Breves memórias da terra-do-já-teve*.

4. Uma civilização em desenvolvimento e os desbravadores de uma região: emergência e reminiscências de narrativas históricas colonialistas e os rastros da reinvenção do Oeste da Bahia, em Barreiras, na segunda metade do século XX. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/seconba/article/view/5494>.

tativa de elucidar questões tais como a dominação da linguagem se estabelece e como são lidas as narrativas a posteriori, isto é, as narrativas de cidade ganham espaço interpretativo depois que o cenário se torna outro? Seu domínio produz fisicamente proposições de intervenções na cidade? Onde estão essas propostas de cidade, na reprodução de quais personagens no domínio?

A pesquisa que aqui se propõe, relaciona caminhos, espaços, lugares e águas com as apropriações humanas, urbanas e de travessia. Me dou conta de que não vou aqui descrever começos ou fins, buscar as cidades Juazeiro e Barreiras é perceber relações, conexões definidas pelas vivências e pelos imaginários. A intencionalidade aqui então passa a ser as tensões no meio, agitações das ordens culturais, tradicionais, governamentais, sociais, quaisquer que forem, à medida que se aproximem das ideias e ideais do que é ser cidade no caminho.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. [...] Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, esconso. [...] Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (ROSA, 1990, p. 106)

O trabalho acontece pelo caminho do meio, pelo meio que me alumia quando percorro meus lugares; quando percorre os lugares o rio, parto então das beiras, das cidades de beira, das constituições de lugar que atravessam o Estado, para assim narrar as aparições urbanas, uma tentativa de desdobrar as cidades inventadas pelo atravessar de barco nas décadas de 1940/50 ou por terra, nos anos de 2010, durante, no ir e vir, e não com o olhar sobre a chegada ou a finalização do percurso.

A rota de barco precede referências minhas, ouço mais fortemente a partir da leitura de Barreiras, sobre o cais, e entendendo Juazeiro como a cidade que revela os vapores. Parte de Juazeiro as narrativas da ponte (Juazeiro x Petrolina) que sobe e desce para deixar sob passarem as embarcações, que depois se torna a ponte em que sobre se passa o trem para, num momento atual, quatro faixas de veículos automotores. A travessia entre os estados se dá também pelo rio, através das barquinhas, barcos de tamanho próximo às embarcações a vapor.

Em Barreiras, as marcas do cais com a feira livre à beira rio e o conflito com as narrativas da BR 242, acabam por reafirmar a história que tem a cidade a partir do rio Grande, a travessia feita por ajoujo (barca movida a

força humana que puxa um cordão de aço) de Barreiras (margem sul do rio) para Barreirinhas (margem norte do rio), antes cidades vizinhas e hoje uma mesma cidade, agora é feita por duas pontes, já não se vê embarcações nas beiras e quase não se banha neste rio.

Eu saio da vivência infantojuvenil nas beiras do rio São Francisco para a vida adulta às margens do rio Grande, percorro as rodovias carregando as histórias confabuladas pelos moradores da cidade de Juazeiro, narrativas essas que busco em imagens, arquivos e memórias procurando entender o modo de se fazer cidade; pontuo a lenda da serpente<sup>5</sup>, moradora da ilha do fogo, guardiã dos três fios de cabelo que protegem quem mora na beira do rio São Francisco na altura de Juazeiro, minha avó que contava essa para mim e dizia que pudesse ficar tranquila, porque o rio não nos afogaria.

O rio São Francisco percorre o imaginário da minha família de muitas formas, vou destacar aqui como o rio representa força. Minha avó conta que não moraria em outra cidade com água, o lugar dela é Juazeiro, raízes que como quaisquer uma, demoram a se construir e a se fixar mas que quando passam os tempos, são firmes e fixas. Brinco com essa analogia porque o rio é água, nunca fixa,

5. Serpente protetora da cidade. Explico melhor a lenda no decorrer do trabalho.

sempre percorrendo, renovando, o imaginário da cidade de Juazeiro. Me aparece numa urgência da contradição, pensar reflexões de raízes, de estadia, integrada tão fortemente com a água, de passagem, tal qual a cidade, um dia chamada de “passagem do juazeiro” (CUNHA, 1978).

Assim como Juazeiro, o nome de Barreiras também faz referência ao rio, diz-se que navegava-se até esse território e que, por conta das pedras existentes nesse ponto do percurso, não se podia avançar. Começo a entender algumas propostas de aproximação das duas pela estética e formação da cidade, do cais, das rampas de acesso ao rio, das edificações, dos equipamentos públicos e das lógicas de comportamento nas duas cidades, principalmente ligadas ao rio.

Na cidade de Juazeiro, a orla representa importante lugar, é palco das festividades culturais e políticas, situa as principais edificações públicas de gestão, os centros comerciais e de serviço, além dos acessos da ponte presidente Dutra (que liga os Estados da Bahia e do Pernambuco, atravessando a ilha do fogo e juntando Juazeiro e Petrolina), também peça importante para a dinâmica das cidades. Me deparo com a estética da Igreja, localizada atualmente à uma rua de distância, afastada da orla, mas

que aparece como marco na fachada da cidade vista de dentro do rio, e da balaustrada, muito característica de algumas das cidades ribeirinhas da Bahia (Correntina, Barra, Juazeiro, Barreiras, entre outras).

Eu começo então a olhar de cima, com menor escala, as expansões e o alcance das apropriações feitas e relacionadas aos rios que percorrem as duas cidades e as conectam. No processo de entender a cidade vista assim, de cima e de longe, me pareceu importante entender como a cidade se organiza: loteamentos, propostas de ocupação, a setorização de moradias, de comércio e serviços.

Abro a figura delimitada por um recorte de mapa (google earth 2022) da cidade de Juazeiro, marco a ocupação urbana em cinza, o rio em azul, a rodovia BR 407 em amarelo e em vermelho a prefeitura, câmara de vereadores, feiras e centros de abastecimento. Num desses processos de entender eu “apaguei” (ato de ligar e desligar a visualização da camada do programa de edição de imagem)\* O rio e a rodovia do mapa, me deparei com uma cidade que não perde sentido apesar da supressão d’água, que continua a acontecer como se o rio sequer estivesse ali, a ocupação urbana diretamente ligada à

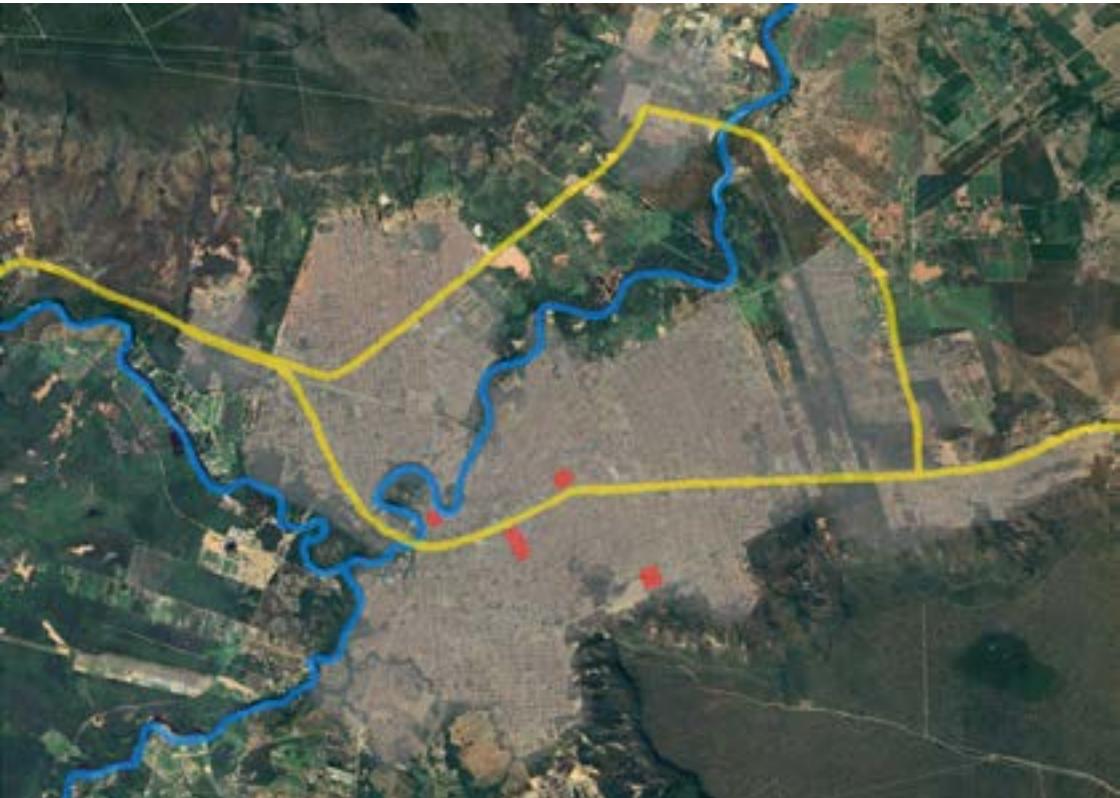


\*. Na versão digital, eu representei duplicando as imagens deixando o rio com e sem destaque, na versão física, usei camadas de transparências.

rodovia em contraponto ao rio. É evidente que isso se trata de uma observação minha, mas que se revela nesse movimento de ocupação que se expande a partir do limite com o rio, margeando-o, para depois se desenvolver, mantendo como eixo simbólico a rodovia que a atravessa.

Abro um recorte agora da cidade de Barreiras, também com vista de cima, mancho em cinza a ocupação urbana, em azul o rio, em amarelo a rodovia BR 242 e o anel viário e em rosa, a câmara dos deputados, a prefeitura e as feiras. Executo o mesmo exercício que fiz para Juazeiro e

03. mapa de Barreiras



destaco a territorialidade da cidade de Barreiras alcançando, na medida em que se desenvolve, distanciamento ao rio, quase que unanimemente, ocupando sem referência ou relação com o rio e se aproximando da relação com a rodovia, ocupando as margens do asfalto.

Mesmo que estejam as duas cidades dentro de programas diferentes de investimentos e de desenvolvimento, representam as duas uma consonância no que se rever-

bera para seus habitantes enquanto política de ocupação e intervenção urbana - racismo, civilização, progresso.<sup>6</sup>

Continuo a pesquisa, agora em maior escala, buscando ver mais de perto as representações das duas cidades, encontro as carrancas que me marcam, porque ouvia sobre as assombrações do rio, sobre as criaturas mágicas protetoras das embarcações, o nego d' água, a iara, a serpente, entre outras, e me deparo quando chego em Barreiras para morar e estudar, com carrancas daqui.

Imaginava que se tratavam de criaturas juazeirenses que haviam atravessado, assim como, eu, mas pela rota de rio, o Estado e fui interrompida pelos arquivos, malWs precisamente pelo livro “Sobre a Arte Brasileira: da pré-história aos anos 1960” organizado pela historiadora Fabiana Arcinski que aponta a presença de carrancas em Santa Maria da Vitória pelo Mestre Guarany em meados de 1890<sup>3</sup>.

Desenrolo um pouco mais as discussões sobre as carrancas quando encontro a estética da carranca legítima juazeirense, legítima de legitimada, pelos arquivistas, organizadores do Museu Municipal de Juazeiro. A carranca que possui olhos e sobranceiras de peixe, um tom

6. O processo desencadeado pelo ideal de futuro vai sendo desenrolado durante o trabalho, nominado progresso.

7. Sobre a Arte Brasileira: da pré-história aos anos 1960 pág. 334-337.

mais azulado e dentes mais arredondados, representa um fazer em navegar, assim me disseram, sua feitura se dava durante os percursos quando, por medo dos sons e das luzes no rio, os tripulantes pregavam os peixes e formavam uma assombrção na frente dos barcos.

04. carranca juazeirense



Quando fui remexendo nos arquivos de fotografia desse trabalho, me dei conta da figura da carranca presente no meio, editei recortando sua silhueta e escrevendo como ela é descrita para os visitantes do Museu “sobranceiras de peixe, olhos de peixe”.

Paro um pouco para observar as tipologias de embarcações, percebidas nas fotografias antigas das duas cidades, que funcionavam com muita paridade: os vapores atravessavam o trajeto completo - Juazeiro x Barreiras, as barcas menores carregavam menos pessoas e cargas e faziam trajetos recortados.

Encontro os ajoujos e as barquinhas, barcos diferentes em cada uma das cidades, mas que desempenhavam a mesma função, levar e trazer, de uma borda a outra. Em Juazeiro, uma margem está a mais ou menos 1 km da outra e por isso as barquinhas são maiores, a motor. Em Barreiras, com margens mais aproximadas, a travessia era feita, por vezes, pelos ajoujos, pequenas barcas movidas a força humana que por meio de uma corda de aço alavancava a travessia.

05. ajoujo



Fotografia disponível no Museu Napoleão de Mattos Macedo, em Barreiras/BA, nela eu coloquei em destaque laranja a Igreja, que até o momento era a edificação mais alta da cidade, e o Mercado Caparrosa à direita na imagem, importante edificação para o modelo econômico da época. Em primeiro plano e em vermelho, estão os ajoujos, aproximados da corda de aço que auxilia na alavanca da travessia.

Caminhando pela memória de Juazeiro encontro uma lenda rememorada na voz da minha avó: a lenda da serpente, diz-se que na ilha do fogo mora uma serpente, também de fogo, muito grande, ela se enrola na ilha segurando o nível do rio. A padroeira da cidade, Nossa Senhora das Grotas, havia amarrado o rio com três fios de seu cabelo, mas foram tantas as malvadezas do homem com o rio que um deles se soltou.

Minha avó continua dizendo que quando isso aconteceu houve uma enchente tão poderosa que ela temia perder sua casa, a vida e sua família; lembra que nesse dia, meu avô levou minha mãe, ainda criança, para a orla, porque se o rio os fosse engolir que eles estivessem lá para assistir. Depois que um dos fios se soltou a serpente tem lutado mais para defender o rio dos não cuidados do homem.

Na imagem estão os três filhos da minha mãe e os três filhos da minha avó, sentados de costas pro rio, na orla, onde havia a antiga balaustrada; em amarelo uma embarcação que fora abandonada alguns anos antes ancorada nas beiras da Ilha do Fogo, morada da serpente. Ao fundo a vista da cidade de Petrolina/PE.

06. Fotografia da minha mãe e família



Perambulo a biblioteca de Juazeiro e encontro o livro “Navegações no rio São Francisco” leio o enunciado: assombrações do velho chico, me deparo então com a narrativa do conto da serpente, uma serpente má, que estava presa por um fio de cabelo de nossa senhora na ilha do fogo estaria “se os homens não deixassem o pecado e as mulheres continuassem tomando os maridos alheios” a serpente se soltaria e destruiriam Juazeiro e Petrolina. Conta-se assim a história de um Frei Capuchinho, que tem suas razões católicas para assim ser, mas o que me interessou ainda mais nesse registro foi que dando sequência à narrativa, o texto descreve

Com o aumento do movimento de barcas, vapores e empurradores que viajavam rio acima, rio abaixo, as assombrações foram sendo espantadas e desapareceram. Hoje vivem na lembrança dos mais velhos, apenas lembranças que o tempo se encarregará de fazer com que desapareçam. (MAGALHÃES, 1981, p. 86)

Vivem nas lembranças dos mais velhos, nas práticas cotidianas, nos mais novos, tempo não se encarrega de apagá-las, é o exato oposto, esse papel é do modelo de progresso que transforma essas referências em ‘mentiras descabidas’, faz com que o futuro seja necessariamente negar o que são/foram, o que ultrapassa a mudança econômica e alcança os modelos de fé, religião,

rituais, cultura, ciência, tecnologia e civilidade.

Cabe aqui então um entendimento de imaginar, uma possibilidade de ler o passado para além dos arquivos formais uma vez que, em se tratando de registros, pouco se alumia em contraponto ao que se apaga, pela ação de quem descreve. Os imaginários fazem-se caros porque acessar arquivos é se deparar, por vezes, com esses apagamentos, há de se considerar também que a História homogeneizada<sup>8</sup> não está livre de imaginação,

As ficções da história – os rumores, escândalos, mentiras, evidências inventadas, confissões fabricadas, fatos voláteis, metáforas impossíveis, eventos casuais e fantasias que constituem o arquivo e determinam o que pode ser dito sobre o passado. (HARTMAN, 2020, p. 26)

Forjar os arquivos em suma é prática desde que fazemos registros, é assim que justificamos nossos modos de agir, socialmente, logo, politicamente, é assim que definimos — com licença poética ao pronome nós, quem deve sobreviver e quem vai ‘ultra viver’<sup>9</sup>.

8. Recorto assim pelo entendimento de que a História homogeneizada poderia sugerir uma única verdade sobre a história.

9. Mais que sobreviver, nesse caso, ter sua história contada, aparecer nos arquivos, registros, existir também em tipos de narrativas.

O retorno às buscas dos registros agora é entendido como uma busca por uma narrativa de cidade, essa sempre parcial pela impossibilidade de assim não ser, uma

vez que fruto de olhar e de vivência, de sujeitos, enxergando arquivos forjados, não forjados e os forjando. A urgência se desencadeia na tentativa de entender o meio, as dinâmicas reveladas nas duas cidades, nas relações do antes, do agora e do depois. Entender quais modos de viver são definidos nas práticas dos ribeirinhos dessas cidades, nas dinâmicas do desenvolvimento moderno, progresso, pelas narrativas dos que atropelados ou não, deixam marcas na história.

Ah! Se eu fosse um peixe; ao contrário do rio; nadava contra as águas; e nesse desafio; saía lá do mar pro riacho do navio; eu ia diretinho pro riacho do navio; pra ver o meu brejinho; fazer umas caçada; ver as pegá de boi; andar nas vaquejada; dormir ao som do chocalho; e acordar com a passarada; sem rádio e sem notícia; das terra civilizada; sem rádio e sem notícia; das terra civilizada. (Gonzaga, 1981).

Assim como o baião expressa, as terras civilizadas atravessam o rio no contrafluxo de sua existência, negando os modos de viver à beira d'água, é atravessando seu curso que se entende uma cidade organizada, urbana e moderna, cujo ideal de progresso as tornam, não mais ribeirinhas, cidades interioranas. As rotas rodoviárias são peça crucial no desenvolvimento dessas cidades e por conseguinte, afastam as vivências que se relacionam

com o rio ao mesmo tempo que reforçam a necessidade de se considerar a existência dos rios nos imaginários culturais das cidades.

É buscando entender de onde emergem essas existências e confabulando as inferências e registros que o trabalho segue,

“Fabular esses interlocutores como arcontes e tomar o arquivo para habitá-lo com uma produção que não é comumente valorada, é redefinir os lugares do poder” (PEREIRA, 2019).

A tentativa de grafar sobre as fotos e mapas dos trajetos e das cidades é de produzir entendimentos, confabular sobre esses registros, que conflituam na disputa de representações, na tentativa de contrapor as narrativas hegemônicas de progressos que se estabeleceram nas duas cidades e que silenciaram as vivências e existências dos ribeirinhos, pelos modernos - imigrantes<sup>10</sup>.

Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social,

10. Em Barreiras acontece uma migração de sulistas e estrangeiros, personagens da narrativa de progresso e em Juazeiro interferem pelo progresso imigrantes da capital.

os valores que são os seus, e o seu domínio.  
(CHARTIER, 1992, p. 17)

Se desenham então duas cidades com duas narrativas distintas mas articuladas, uma saudosista que rememora tempos em que as cidades eram boas de se viver e outra do progresso, quando se atravessam as dinâmicas de desenvolvimento no silenciamento do já existente. Esse entendimento de apagamento elaborado pela própria proposta de concepção de mundo social que passa a ser imposta.

## DESDOBRAS

No levantamento de imagens das cidades conectadas pelo rio, percorro acervos que datam de 1950 a 2020, encontrei duas fotografias, nelas dois vapores, um chamado Hiate Rio Grande fotografado na orla de Juazeiro e outro chamado Vapor São Francisco atracado no cais de Barreiras.

07. fotografia hiate rio grande



08. fotografia vapor São Francisco



Marcados em vermelho os vapores e em amarelo a balaustrada de Juazeiro que não mais existe dessa forma. Ao fundo nas duas imagens estão edificações que se aproximam pela aparência dos seus acabamentos, particularmente, das esquadrias. Estão, na vista de Barreiras, as casas de comércio e a feira; na vista de Juazeiro, mais à direita o fundo da Igreja matriz da cidade. As pessoas presentes nas fotografias parecem estar relacionadas com as embarcações e principalmente com o rio.

Encontro essas fotografias nos museus municipais de suas respectivas cidades, em Barreiras a fotografia me foi entregue após solicitação e insistência, em Juazeiro a imagem está emoldurada em uma das paredes do prédio em que se localiza. Elas me chamam atenção por evidenciarem a relação que proponho aqui, pelo convite à perspectiva do que já fora proposto.

Emerge dessa referência a conexão entre as balaustradas, muito similares em estética. E do acesso ao rio, imagino que em Barreiras hoje seja mantido como eram nos anos 1950 assim como a nomenclatura 'cais' porque a zona que havia se estabelecido como centro da cidade, beirando o rio, não é a mesma que beira a rodovia, parece de alguma medida ser fruto das aspirações dos mora-

dores que conseguem eleger a ideia de centro histórico para a área e implantá-la nos documentos da cidade,

A emergência de representações em que se atribuíram ao antigo Cais de Barreiras-BA, a denominação de Centro Histórico, referência de patrimônio para o município. Diante da crescente migração, principalmente sulista, promovida dentre outros fatores, pelo avanço do agronegócio irrigado na região Oeste da Bahia, e com a construção de BRs, houve um deslocamento das atividades comerciais antes predominantes na região do Cais - centralizada pelo transporte de vapores através dos rios Grande e São Francisco no trecho Juazeiro/Barreiras, gerando a perda de importância e a ressignificação do espaço. O deslocamento provocou em grupos locais a produção de identidade a partir de uma reação afetuosa e memorialística que representou este espaço como importante ambiente do desenrolar da história do município, que foi anunciado com o objetivo de produzir uma significação de patrimonialização enquanto um monumento do passado. (CÓRREA; MORAIS, 2019)

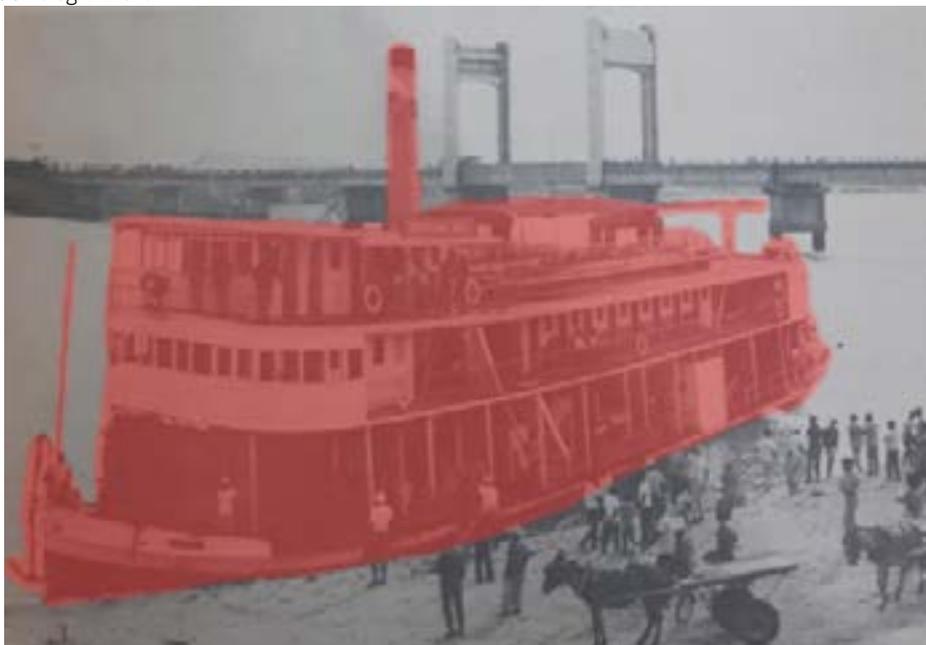
A dinâmica em Juazeiro se assemelha com a diferença de que margeia o rio e a rodovia simultaneamente, a orla, que por isso, passa por uma urbanização, reforma modernizadora, que desvincula esteticamente as referências ligadas ao passado da construção sem que o centro da cidade se desloque, nesse momento a balaustrada é substituída pelo banco em que minha mãe e família está fotografada. O espaço continua sendo disputado pelos

governantes que acaba por passar por diversas reformas até chegar à atualidade com a definição da 'orla nova' - espaço à direita da ponte.

A apropriação da Ilha do Fogo também se estabelece em disputa, ficando parcialmente fechada ou completamente fechada ao acesso de pessoas em momentos distintos, mantendo-se como pauta das negociações com o poder público, hoje está parcialmente aberta para visitantes que atravessem a ponte a pé em alguns horários do dia.

Encontro, lendo o livro Memória Histórica de Juazeiro na Biblioteca Municipal de Juazeiro, a foto de um vapor sendo recebido, tal qual se faz na fotografia anterior, agora

09. fotografia orla



na cidade de Juazeiro, pessoas trabalhando no embarque e desembarque de mercadorias, carroças puxadas por animais e crianças, observadores do trabalho - entendo que por se tratar de atividades afins é verificável que as fotografias seriam parecidas, mas o que se revela a partir disso, também se registra nas narrativas tecidas pelos autores citados anteriormente.

Marco em vermelho a embarcação na medida em que destaco-a o que a emoldura também é evidenciado, a ponte Predidente Dutra, mais a frente, as pessoas/trabalhadores e animais/trabalhadores envolvidos nos processos de chegada e partida e o próprio Rio, que em preto e branco, se confunde com o céu.

No livro Candango's Bar, o autor Joaquim da Matta (20??) define algumas relações do ir e vir dos barcos, relacionando as duas cidades e descrevendo como o progresso deveria alcançar a cidade de Barreiras "onde a maior novidade era a chegada do vapor, movido a lenha, que vinha de Juazeiro" - o livro é um romance de um saudoso mas também um realizado pelo desenvolvimento que chega a cidade com o atravessamento da rodovia, ainda que feliz com a aproximação com o 'futuro' Joaquim, descreve que a vida na cidade rodeava as embar-

cações, as novidades, o trabalho, o amor e não menos importante para a história, a morte.

O autor rememora que na cidade de Barreiras “as terras, de ótimo cultivo, passaram a ser cobiçadas por sulistas” e que não poderia ser diferente uma vez que “na década de 1960, uma estrada atravessou a serra, adentrou o Goiás, até a nova Capital Federal.” (pág 06) Parece que nessas leituras se desenha uma Barreiras que estaria limitada ao fluxo do rio pois até “1957, todo o progresso existente hoje ainda não havia sido inserido no mapa da história de Barreiras” (pág 07) ao mesmo tempo em que aparece uma Barreiras que valorizava as relações próximas entre seus viventes e respeitava o rio. No livro “Breves Memórias da terra-do-já-teve” Luiz Hespanha narra histórias e personagens que são

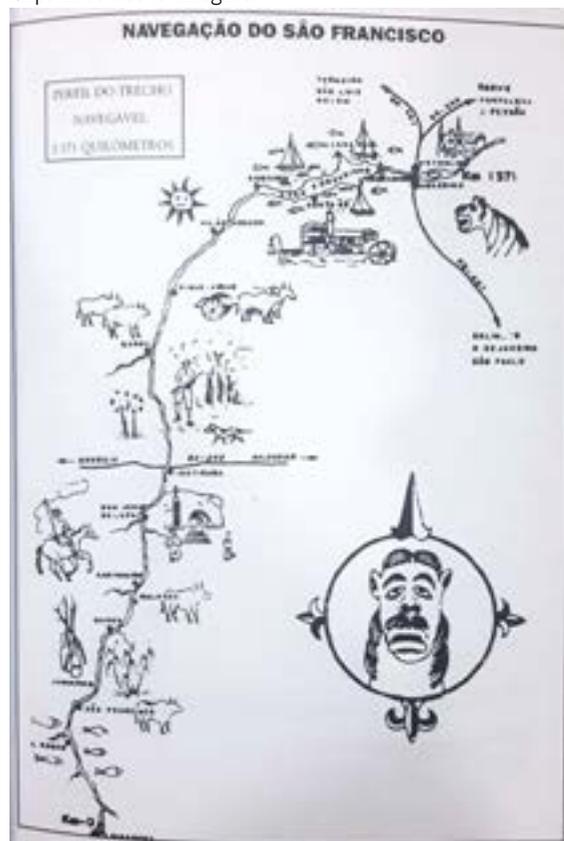
Homens e Mulheres, gente simples, povo de Barreirinha, da Barreirona, da Barreira, de Barreiras. Gente que entra na sala da minha casa e come à minha mesa, que me pega pela mão, senta comigo no cais: me convida a visitar o passado, e que quase sempre dá gaitada do futuro, onde nos encontramos. (HESPANHA, 2005, p. 17)

O atravessamento que parece definir algumas questões sobre o modo de se enxergar a cidade que um dia fora,

é a definição da rodovia como o progresso, carregando ideais de comportamento e de futuro, que mobilizam além dos registros, construções na cidade, parafraseando Joaquim da Matta (20??) O barreirense que voltasse para a terra depois da década de 1960 poderia reconhecer o rio sinuoso mas jamais a mata ciliar que não existe mais e os prédios de tantos andares que substituíram as casas térreas, tão pouco reconheceria o povo andando nas ruas. Nesse momento lembro do que foi demonstrado quando estava numa escala um pouco menor de vista, com a cidade em mapa, a dinâmica aproximada da rodovia e distanciada do rio.

Tomo o caminho que me sugere o esquema de tráfego no rio São Francisco - perfil do trecho navegável 1371 quilômetros, que encontro no livro “Navegações no São Francisco”. O autor dispõe os elementos da travessia, o sol, carro de boi, bois, o buriti, vapores, embarcações, carrancas e a ilha do fogo, são elementos categóricos e importantes na definição da cultura e da identidade do Barreirense e do Juazeirense, no esquema estão escritas as cidades que são atravessadas pelo caminho, imbricadas.

10. perfil do trecho navegável



Quando analiso Juazeiro, a de antes, entre 1930 e 1950 nos mapas e nas literaturas, aparecem relações da orla hoje extintas, destaco o que se registra na coletânea de livros “Memórias de um juazeirense” no volume intitulado “A ex-famosa rua d’Apolo” onde localizavam-se o café, a sorveteria glacial e o bar ‘a gruta dos bons’, ‘quando Juazeiro tinha apenas três boas diversões: cinema, futebol e carnaval’ e era conhecida como cidade luz porque possuía ‘uma usina elétrica bem no centro da cidade’

Juazeiro era uma cidade em franco progresso e, como toda cidade civilizada tinha que ter suas ruas bem iluminadas. Era uma velha caldeira que movimentava um grande dínamo, gerando assim energia que não suportava a extensão da rede elétrica, conseqüentemente a luz era fraca. [...] Esta usina ficava onde hoje é a Secretaria de Educação, pegada a Biblioteca Aristóteles Pires de Carvalho, próximo ao Largo 02 de Julho. [...] Como a rua da Apolo ficavam os bares, restaurantes e, mais tarde, alguns cassinos, que tinham que ter luz própria, esta rua ficava bem iluminada. Mesmo com grande sacrifício, a prefeitura Municipal, na pessoa do prefeito, dava toda assistência a este setor para que a cidade não ficasse sem luz. [...] Hoje, Juazeiro tem a luz de Sobradinho. (DUARTE, 1994, p. 06-07-08)

O autor rememora as relações com o estrangeiro que apareceram com certa importância para mim, porque estavam sendo registradas com intuito de valorizar os

juazeirenses que conseguiam acessar as mais variadas mercadorias de toda qualidade do exterior “perfume francês, sêda japonesa, o diagonal - mais conhecido por S-120 ou pele de ovo, o tropical inglês e a gasimira, tudo importado” (1994, pág 18) faziam parte do cotidiano do comércio na beira do São Francisco.

A barragem de Sobradinho citada pelo autor talvez seja a expressão síntese do ideal de progresso na região de Juazeiro, a sua construção consagrou, para além do simbólico, a perspectiva de futuro e desenvolvimento, ainda que tenha inundado cinco cidades e feito o rio descer drasticamente de nível no leito de Juazeiro, ainda que tenha transformado a relação das pessoas com a água corrente - me equivoco no conectivo ‘ainda que’ lê-se ‘exatamente porque’.

Encontro no livro “Memória Histórica de Juazeiro” uma fotografia de Juazeiro vista da Ilha do Fogo, marco as barquinhas em vermelho, barcos movidos a motor diesel que atravessam o rio ligando as duas cidades tal qual a ponte Presidente Dutra também fotografada, destaco a igreja, agora de frente, e a prefeitura, em laranja, edificações que localizam as marcações das zonas centrais do mapa da cidade de Juazeiro anteriormente citado, nessa fotografia também consegui perceber que os acessos ao rio rememoram como o rio Grande é acessado no cais de Barreiras.

11. fotografia vista da ilha do fogo



Sobre a ponte, penso ser importante explicar a tecnologia que faz dela específica para Juazeiro; mais ou menos no meio do rio, foi construído um elevador para possibilitar a passagem livre das embarcações. Até a década de 1950, o fluxo de veículos era paralisado para que engrenagens movidas a óleo diesel elevassem um recorte da ponte permitindo que as embarcações atravessassem a rodovia, esse mecanismo foi desativado com o passar dos anos, melhor dizendo, com a ausência do passar das grandes embarcações.

Minha mãe conta que era uma coisa bonita de ver, o rio era bem mais alto e a chaminé do vapor não passaria por baixo da ponte, as cancelas eram fechadas e a ponte começava a subir, 4 roldanas 2 de cada lado puxavam o pedaço solto da ponte e a chaminé do vapor passava, voltava o motor a funcionar e descia de volta a ponte, as cancelas se abriam. Sobre a ponte, também chegou um dia a atravessar o rio, a ferrovia, no centro da rodovia os trens passavam, paralisando o fluxo de veículos por alguns minutos; outro vapor, em outro sentido, talvez com mesma função, atravessando contra fluxo, o rio, carregando pessoas, mercadorias e serviços, talvez vindas do sul, do oeste, e seguindo para o além são francisco.

Encontro outra fotografia que me mobiliza pela presença e ausência de referências, na beira de Juazeiro, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a imagem me fez recorrer a minha mãe que relatou algo muito parecido com uma referência que eu possuía, quando, em Barreiras nos anos de 2017 a 2019 vi acontecer a festa de Yemanjá, desfile que data desde 1993, o encontro de Oxum, Yemanjá e Oxalá nas águas do Rio Grande: reflexos identitários da negritude barreirense.<sup>11</sup> em barcas acompanhadas pela procissão dos terreiros de umbanda e candomblé da cidade. Mesmo que por sugerirem uma semelhança, entendo que seja função minha defini-las como tal.

12. fotografia festa de nossa senhora dos navegantes



11. Cine Humanidades: De ora ye ye ô! à odayá! o rito das águas em Barreiras. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-fHnb4wlvSKM&t=3s>.

Nessa fotografia, que também retiro do livro “Memória Histórica de Juazeiro”, eu destaquei em vermelho as embarcações que carregam oferendas no desfile para Nossa Senhora dos Navegantes, carregam flores e pessoas que entoam o agradecimento. Mais ao fundo e a direita, marquei em amarelo a Igreja matriz da cidade, vista do rio e que também rememora as fotografias em que ela aparece de costas e de frente aqui já postas.

Na década de 1960, o estrangeiro aparece de outra maneira, o bispo estadunidense Dom Thomaz, rogava em favor dos comerciantes e principais empresários da cidade, tendo papel importante na fundação da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco - FAMESF, quando os engenheiros da SUDENE e da CODEVASF, profissionais migrantes principalmente da capital, desacreditaram o curso e a instituição. A faculdade era situada na chamada praça da prefeitura, na orla da cidade.

As cidades do progresso e do passado que aparecem no desenvolvimento do trabalho executam importante papel na construção da narrativa social das duas cidades, Juazeiro e Barreiras, sugerem uma dualidade não só entre as formas das cidades mas também associada aos seus moradores. Enquanto a narrativa de cidade do

passado atrasada está investida nos nativos como uma essência regional, natural, muitas vezes biológica<sup>12</sup>, pessoas desprovidas de possibilidades e de intelecto para acompanhar o desenvolvimento tal como a suas cidades, a narrativa de progresso, vai sugerir que os imigrantes majoritariamente sulistas e os da capital é que simbolizam o futuro em correspondência aos modelos de suas cidades.

O fluxo migratório, destacado na análise que Rogério Haesbaert desenvolve no livro Des-territorialização e identidade demonstra como os sulistas acabam por possuir as definições de moral e bons costumes, etiqueta e civilidade, muito distante do que se estabelecia com os barreirenses no Oeste. A máquina produtora e difusora desses ideais não se articula unicamente no trabalho/produção, se estabelecem em todas as áreas da vida cotidiana dos barreirenses.

Esta verdadeira invasão de sulistas iniciada no ano de 1979, com a chegada de empresários rurais em busca de terra barata e créditos subsidiados (em área da SUDENE) e logo depois com os expropriados pela barragem de Itaipu, faz com que se estime hoje em torno de 30 mil o número de sulistas numa área que, em 1980, tinha pouco mais de 500 mil habitantes, a grande maioria vivendo na área rural.

12. Tese de doutorado de Flávio Martins, intitulado: O Rio São Francisco na História: o uso público da memória e o projeto de meio técnico-científico - Brasil 1930-1950. de 2022.

Esses sulistas – gaúchos, catarinenses, paranaenses e seus descendentes –, que muitas vezes já passaram pelo Mato Grosso do Sul, por Mato Grosso e Goiás, são denominados genericamente de gaúchos pelos nordestinos. Assim, o confronto entre gaúchos e nordestinos se insere num amplo processo de migração e, na visão dos migrantes, num verdadeiro “processo civilizatório” que remonta aos primórdios da imigração alemã e italiana para o Brasil, no século passado.

Ela não só se insere numa lógica mercantil excludente, concentradora de terra e de capital, como envolve uma espécie de “cultura imigrante” que difunde pelo interior do país mitos de um sulista, espécie de novo bandeirante, difusor ao mesmo tempo da modernidade da sociedade de consumo e do “tradicionalismo” da cultura gaúcha. (HAESBAERT, 1997, p. 15-16)

A população barreirense quase dobra em menos de 10 anos com a presença de sulistas oriundos dos três estados do sul mas que fortemente se valem da categoria gaúcho, assim reconhecidos pelas pessoas em Barreiras, articulam bairros, comércios, estruturas, zonas e acabam por ocupar os lugares de privilégio da cidade e assim monopolizam as ações para a ‘cidade gaúcha’ na Bahia.

Ao passo em que se constituem enquanto latifundiários, os sulistas desdobram os reforços culturais de ideologia

excludente na cidade e constroem fisicamente limitações entre as pessoas e mantém a definição de que o baiano não poderia representar o futuro, não saberia lidar com máquinas e estaríamos em condições de produção muito primárias, não seríamos polo do agronegócio como assim nos tornamos. Essa narrativa vai acabar por definir modelos de comportamento em que se definem raças e sub-raças<sup>13</sup>.

Ainda que para Geraldo Rocha, a aclamação para a permanência e defesa da sub-raça do nordeste/sertão fosse uma urgência, defendida pelo viés de que é desse povo que se vale a identidade do país, principalmente das localidades beira rio, essa narrativa foi engolida pelos ideais de progresso modernizadores.

Como não era etnógrafo, Rocha pouco se preocupou em tratar da heterogeneidade racial brasileira, mas entendia que a mestiçagem era um processo de branqueamento que se concluiria em meio século. A exaltação do sertanejo, a identidade latina e ibérica, uma simpatia com Alemanha e Itália, um sentimento anti-britânico, anti-nipônico e antisemita caracterizavam os aspectos racializadores do seu programa. Rocha precisava reiterar a identidade sertaneja como identidade da nação para ser seu intérprete e voz privilegiada. Conservar a sub-raça sertaneja justificava seu projeto de meio técnico-científico. (MARTINS 2022 p. 153)

13. Como definido por Geraldo Rocha, barreirense, Empresário e Jornalista, autor do livro “O Rio de São Francisco, Factor Precípua da Existência do Brasil” (1940); proprietário da Companhia Agropastoril Sertaneja S/A e fundador da primeira usina hidroelétrica de Barreiras, a usina Rocha.

O que se desenhou nos anos seguintes e perdura a atualidade é uma tentativa de salvaguardar uma memória saudosa nas práticas cotidianas mas dentro da lógica que a cidade do progresso pode ser Barreiras “História Viva – A Cidade do Futuro que Preserva Seu Passado” como exclama o *slogan* do concurso de projetos em arquitetura e urbanismo da cidade promovido pela prefeitura em 2022.

O que sucede na cidade de Juazeiro rememora um lugar parecido, as propostas de investimento e de valorização da cidade recorrem, por vezes, em desvaler o povo que constituía modelos de vida na cidade em favor de formas e pessoas portadoras de progresso.

“A gestão municipal destes municípios conta, muitas vezes, apenas com os recursos do Fundo de Participação dos Municípios, o que limita os investimentos necessários ou ainda dependem dos recursos de transferências do Governo Federal e ou estadual. Esta iniciativa, portanto, busca fortalecer a economia das cidades e impulsionar a interiorização do desenvolvimento”, destaca o superintendente da Sudene, general Carlos César Araújo Lima. (JORNAL GRANDE BAHIA, 2022)<sup>14</sup>

Projetos que como já vimos acontecer na história das cidades interioranas da Bahia podem inclusive transpor-

14. Jornal digital acessado em 02/11/2022, disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2022/09/sudene-lanca-projeto-de-desenvolvimento-federativo-em-juazeiro/>

tar rios e cidades inteiras, não sem antes inundá-las e apagá-las dos imaginários de seus povos se justificados. Em perspectiva de que, quem carrega em memória e vivência o modo de ver e viver contrário aos ideais de progresso se encarrega de fazer a manutenção de suas existências, narradas e imaginadas.

A interiorização do desenvolvimento é uma política que começa a acontecer não datadamente e se mantém acontecendo também em indefinitivo. O que reverbera desse processo nas apropriações e formação das cidades está na atribuição de sentido, para Juazeiro e Barreiras, parece que o progresso tenha ocupado os imaginários muito fortemente, todavia, não em totalidade. Vive nos juazeirenses e barreirenses o que alumia de vontade de ser rio, água, ser gente de cuidado e de afeto.

Sugiro assim porque como Marchal Salins propõe, as culturas tem uma estranha forma de sobreviver por mais que estejam sofrendo forças de silenciamento, em especial ao que se refere à programas de homogeneização, progresso, civilidade, com estranha forma me refiro à capacidade de resistir. No caso de Barreiras e de Juazeiro, os aspectos de futuro estabelecidos ocupam as narrativas mas não tem conseguido suprimir em unamidade

a identidade dos seus habitantes, dos modos de viver e de apropriar-se, felizmente. São seus viventes que elaboram as expressões culturais no contraponto do esquecimento, na prática e em narrativa, produzem a cidade para além da reprodução.

## REDOBRA

Nessa parte do trabalho faz-se entender como ele se elaborou ao ponto de existir tal qual se revela, tenta ser uma perspectiva de irmandanda fabulada, cidades não podem ter traços familiares ou qualquer traço, não há sangue, veias, artérias, não há na cidade nenhum organismo, tecido ou órgão, não posso atribuir a elas características humanas.

Ainda que se leiam as cidades propondo analogias aproximadas do ser humano, como dizer que a cidade é viva, o que faço nesse trabalho não é uma figura de linguagem, se assim o fosse, terminaria pela superfície, ao que se põe aqui cabe a imaginação.

Cabe a leitura do mundo, das cidades, das ruas, das casas e dos rios pelos olhos de quem imagina ao mesmo tempo em que as vive, eu defendo que existam, digo, defendo que existam as cidades imaginadas bem como a irmandade entre o construir e o fazer urbano de Juazeiro e de Barreiras.

Dessa forma, o trabalho tentou propor conexões entre as duas cidades na medida em que se observam as vi-

vências e tradições do povo, há de se pontuar, existentes em períodos mais e menos aproximadas ainda que não houvesse alteração de suas localizações.

Essas cidades são irmãs pelo que as atravessa, relação expressa nos modos de viver e de organizar, também nos modelos de construir e de cruzar as ruas e caminhos, pelo que se conversa sobre elas, pelos que são delas, mais do que nascidos, reconhecidos.

Esse trabalho é um entrar no percorrer da história de pessoas, pessoas que não existem no contexto da História, mas que são responsáveis pela história, de suas cidades, seus espaços, seus lugares.

Redundante na fonética mas não na sintaxe, contar o que foi construído durante esse ano de pesquisa foi redobrar em mim, no meu, no outro e nos dos outros - percorrer como quem conta uma história. Redobrar também nele mesmo.

Porque as narrativas que desdobram e se tornam outras dobras emergem das percepções, representações de cidade, de urbano, de não urbano, a narrativa é sobre o que é cidade.

E por assim ser, articula muitos pormenores, nuances, não se finda, ao mesmo tempo em que se estabelece prerrogativas, pressupõe a dinamicidade dos organismos urbanos.

Assim como o rio que percorre, mobiliza, e assume formas variadas, esse trabalho foi escrito, pensado e discutido.

Não se finda.

## OUTRAS DOBRAS

Estive até aqui traçando narrativas possíveis que atravessassem temporal, espacial e imageticamente as cidades de Juazeiro e Barreiras. Entendendo que a narrativa proposta não se encerra nela mesma, outras desdobras se apresentam, dessa vez, através do projeto de pesquisa<sup>15</sup> apresentado para o processo seletivo de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) fruto desse trabalho de conclusão, ou seria uma continuidade do mesmo, sem deixar de sê-lo por si só.

---

15. O texto aqui colocado não é na íntegra o que foi submetido à seleção, retiro a justificativa por considerar esta muito específica do programa.

**Os imaginários de Barreiras/Ba: lutas narrativas entre a literatura do saudoso urbano e do “progresso” em curso na segunda metade do século XX.**

**OBJETO E QUESTÃO**

Este projeto de pesquisa tem como objeto a cidade de Barreiras na segunda metade do século XX e, mais precisamente, as narrativas literárias e representações da cidade no processo de redefinições da urbe com a ampliação do agronegócio e outras transformações, como a construção de rodovias que atravessaram o município. Os conflitos sociais e as lutas de representações sobre a cidade narradas do passado, dualizando o saudosismo, e a cidade desejada do futuro e progressista, que emergiram neste contexto é o que nos interessa examinar.

O pressuposto de capturar e compreender cidade pelo caminho narrativo literário, parte da compreensão que tão importante quanto as relações materiais que determinam fenômenos urbanos, a materialização das relações urbanas, seus registros imaginários concorrem para modelos de comportamento, estética, significação, entre outros, conflitos na cultura que repercutem em ações de planejamento e intervenções urbanas, na apro-

priação da cidade.

A apropriação, tal como a entendemos, visa a elaboração de uma História social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os constroem. Pensar, assim, atenção às condições, e aos processos que muito concretamente são portadores das operações de construção de sentido, significa reconhecer, em oposição a antiga História Intelectual, que nem as ideias nem as interpretações, e que, contrariamente ao que se colocam os pensamentos universalizantes, as categorias dadas como invariantes, sejam elas fenomenológicas ou filosóficas, devem ser pensadas em função das descontinuidades das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1995, p. 184)

Diante do exposto, algumas perguntas nos interessam responder, como: quais são os imaginários da cidade na literatura local do século XX? Quais sentidos sociais emergem dos imaginários da cidade na literatura? O que repercute dos imaginários da cidade nas intervenções urbanas? De onde vem e para onde vão seriam as questões centrais para investigarmos, uma História Cultural do Social na cidade de Barreiras em um momento relevante de grandes alterações na totalidade do município. Em representações descritas no livro de contos “Breves memórias da terra-do-já-teve”, o autor, Luiz Hespanha,

dando lugar de registro de vivências barreirenses conta histórias suas e de seu pai, Claudio Wanderley, descrevendo personalidades, espaços e tradições, um retorno às memórias dos tempos “em que se plantando quase tudo já deu” (pág 15). No conto, “Dando gaitada do futuro”, expressam um lugar de saudade e de conflito, saudade do que um dia a terra de Barreiras teria sido e proporcionado ao mesmo tempo que descreve quem ganhava com essa sobreposição da cidade que se transforma. Quais são essas transformações? Como se estabelecem configurando um modelo de cidade? Quais são as representações delas? E quais são os sentidos delas?

A “Terra-do-já-teve” existe. Ela fica no meio de um caminho entre a Bahia e o Goiás. Depois, criaram o estado do Tocantins, e quase todas as léguas tiveram que ser recontadas. Aí, criaram uma cidade num distrito que era o Mimoso e, enquanto a classe política se empanturrava, outras léguas se extinguíam. (HESPANHA, 2005, p. 15)

A “Terra-do-já-teve” existe porque enquanto se denominava uma territorialização em que se eram colhidas “safras generosas, de alimentos diversos e de solidariedade” (pág 15) hoje se configuram outras limitações, se até aquele momento era o que estava entre a Bahia e o Goiás, hoje se torna um encontramento de entres, entre

a Bahia, o Tocantins, o Piauí e o Maranhão - MATOPIBA, entre a cidade de Barreiras e a cidade de Luís Eduardo Magalhães (antigo Mimoso do Oeste), entre as vastidões de soja e entre aparições/permanências sulistas. Esses entroncamentos fizeram reduzir as ocupações de solidariedade e alimentos diversos, ou fazer dessas ocupações sobrevivências no território, enquanto a classe política se beneficiava, conforme a representação dos autores.

Esse beneficiamento se dá também porque a narrativa executa um papel de entendimento de cidade materializado, e considerando isso começamos a entender a cidade de Barreiras por meio do que se escreve/ descreve dela, como essas falas articulam decisões e intervenções na cidade, mobilizam a criação de bairros e direcionam políticas, por exemplo, o que se realizou durante esses cinquenta anos da cidade recortados nesse projeto. Ao mesmo tempo em que se narra e se infere nas práticas, as práticas são refletidas nas narrativas, pensamos então no que emerge a partir da representação dominante.

Algumas expressões de resistência a um modelo de progresso, ou ao menos de uma posição de valorização da anterioridade barreirenses apresentam-se na patrimonialização do cais, na defesa de uma memória de pertenci-

mento de Barreiras, autônoma e diferente do progresso sulista e do agronegócio.

Através de análises de jornais entre a década de 1960 e meados de 1980, foi possível identificar mudanças relevantes, sobretudo em relação às articulações comerciais no cais. Foi notado que os exemplares datados, principalmente de antes da década de 1980, apresentavam uma cidade pacata, marcada pelas propagandas e serviços com menor uso de tecnologias industriais contemporâneas e de transporte automobilístico.

A maioria de mercearias, bares, padarias e uma pequena rede hoteleira, denotando um ritmo bem menos acelerado se comparado com os exemplares estudados a partir da década de 1980, onde as propagandas apontaram uma dinâmica marcada por anúncios frequentes de movimentações comerciais, sobretudo nas margens da BR 242, evidenciando um novo centro comercial para a cidade, perceptível nos novos endereços de prestadores de serviços. (CORRÊA: SANTOS, 2019 p.277)

As transformações examinadas pelos autores acima, se apresentam com formas distintas de apropriação/significação. Além das dimensões da reestruturação produtiva do agronegócio na região, as mudanças urbanas em virtude de uma novo centro comercial as margens da nova rodovia 242 que “corta” a cidade, alteram o comércio, surge um uso generalizado de carros e caminhões para o transporte e os desusos do transporte fluvial, alterações

relevantes que colaborou para fragilizar o antigo uso dos cais, sobreposto pela rodovia, que passa ser reivindicado por grupos locais e mesmo migrantes sulistas, como um lugar da antiga cidade a ser preservada como aspecto de uma identidade barreirense solapada pelo progresso.

Disputas em torno das representações da cidade emergem e ganham espaços de jornais, políticos institucionais como o da Câmara de Vereadores, em que se deu os conflitos em torno da preservação e a constituição de programas e projetos de lei de preservação da memória, como o museu municipal, que tinha como importante fomentadora da memória barreirense<sup>16</sup> e uma experiente e notória historiadora local, Ignez Pita<sup>17</sup>, mesmo que esta veja nos sulistas os portadores do progresso local;

16. Câmara Municipal de Barreiras. Ata da 10ª Sessão do primeiro período legislativo, realizado no dia 18 de maio de 1988, pág. 124. Instalada uma equipe de arqueologia no ano de 1987 é relatado como solicitação de Ignez Pitta e a descrição sobre o primeiro documentário fotográfico de Barreiras. No ano de 1988 foi criado o Museu da Câmara Municipal de Barreiras para preservação da de testemunhos do passado local e das origens do povo por iniciativa da vereadora.

17. Rede Câmara Barreiras. 23,5 mil inscritos 0:01 / 9:31 HISTÓRIA DE BARREIRAS NO OLHAR DE INÊS PITTA - BLOCO 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jd9SrPoims8> Acesso em: 09 ago 2022.

Entre os múltiplos condicionantes que ajudam a compor o quadro complexo em que se inserem esses estereótipos identitários, destacamos ainda o tipo de relação política mantido em vastas áreas do interior nordestino, onde o clientelismo coronelista subjuga de tal forma os miseráveis que estes acabam se dobrando a uma vida tutelada pelo poder dos mais fortes. É tamanha esta tutela que muitos, como a ex-vereadora Ignez Pita, de Barreiras, chegam a utilizá-la para explicar o “não-trabalho” dos baianos: “trabalhar para que, se até a casa ele pode construir com auxílio da prefeitura? (...). O papel da prefeitura [ = política clientelista]

é fundamental para os baianos”(HAESBAERT, 1997, p. 169)

Baiano é muito dócil”, afirmou-nos um gaúcho, diretor do frigorífico de Barreiras. Assim, para o receio e a desconfiança de muitos baianos foi um passo: “Difícilmente dá certo sociedade de gaúcho com baiano, pois o segundo explora o primeiro”, afirmou-nos a ex-vereadora Ignez Pita ao relatar experiência que ela própria teria vivido. (HAESBAERT, 1997, p. 156)

Em “A saga do Oeste, Barreiras em seu centenário”, vê-se descrito pelo autor Pedro de Deus, advogado não conterrâneo de nascimento, mas de consideração - pernambucano morador da cidade desde o ano de 1976, um arauto do progresso. A narrativa é a construção de um imaginário de gratidão ao desenvolvimento e às políticas de progresso implantadas na cidade.

Fez guiado por essa gente; o progresso maravilha; premiando quem investe; olhando sempre à frente; com raciocínio de mestre. Foi que seguindo essa trilha; Barreiras atualmente; gerou outra filha; no MIMOSO DO OESTE. (DEUS, 1992, p. 73)

No caso de Barreiras, este progresso chegou vinculado às políticas de incentivo a migração, principalmente sulista, na promoção dos personagens protagonistas do futuro no extremo oeste da Bahia. Noções forjadas

pelo discurso endógeno e exógeno anterior ao período dos grandes volumes migratórios para o agronegócio (CORRÊA, 2018), desde a década de 1960 ao menos, foi identificadas narrativas colonialistas de um benfeitor e agente externo que promoveria a região e o progresso:

Precedentes históricos no Brasil contidos na reportagem revelam pilares de uma ordem discursiva que ecoaram dentro e fora do território, balizada pela narrativa em que o estrangeiro (alemão e estadunidense) foi o protagonista da civilização, desbravador do selvagem território (vazio) inóspito e que, por sua vez, eram fortes e carregavam consigo o fardo do civilizador que realiza seu sacrifício (luta). (CORRÊA, 2018, p. 05)

Se o então europeu, estadunidense eram os portadores do progresso, isso seria deslocado para o sulista. Com ecos, não são idênticas as narrativas de progresso ou de civilizadores do antigo sistema colonial brasileiro, os signos e significantes são deslocados nas representações para os sulistas, o que ainda guarda uma herança europeia distinta do nativo já misturado, ou pertencente a sub-raças (HAESBAERT 1997), grupos inferiores de ascendência negra e indígena por exemplo. A apropriação e direção de um projeto de progresso para cidade parece necessário ser investigado para definirmos seu caráter e articuladores, as disputas em torno dele e as resistên-

cias, mesmos outros projetos que não foram vencedores.

A difusão da representação do progresso operava o silenciamento de pessoas que não fossem as migrantes sulistas e internacionais, ou adesistas do progresso, constituindo uma relação de opressão de muitos nativos, representados como pessoas atrasadas, preguiçosas, não prestativas ou compatíveis com o futuro e sim, com a cidade antiga, do passado.

Apesar do migrante sulista, na dinâmica aqui abordada, inverter as posições, sendo visto como o “homem da velocidade”, e o “nativo” baiano como o “homem da lentidão”, a base da argumentação permanece a mesma e até se reforça, na medida em que o ritmo mais lento atribuído aos nordestinos não advém apenas da pobreza dominante, que geralmente os priva do acesso a esses circuitos de alta velocidade, mas também de traços identitários e de sua história, onde o tempo (ainda) estaria impregnado de outros valores e vivências, respeitando mais os ritmos cotidianos locais do que se dobrando ao ritmo acelerado da globalização. (HAESBAERT, 1997, p. 261)

O autor identifica um conjunto de dualidades estabelecidas nos conflitos entre gaúchos e nordestino no Oeste e sobretudo em Barreiras a exemplo do “Trabalho e disciplina, preguiça e festa”, “A ordem na desordem: “territórios gaúchos” no Nordeste?”, “A casa “gaúcha” e a rua

nordestina”, “a “decência” e a “imoralidade”, “O “Bairro dos Gaúchos” e a cidade, a limpeza e a sujeira”, “A “democracia” gaúcha e o “coronelismo” nordestino”, entre outros.

O migrante sulista elabora a representação, segundo o autor, do homem do passado, ultrapassado, que não acompanha o modelo de progresso e da globalização que é o nativo, sem que isso se resuma aos homens propriamente ditos, afinal as mulheres compõe parte destes processos e os papéis de gênero são distintos entre as nordestinas e as sulistas, estas últimas portadoras da civilização, civilidade e progresso, determinando um modelo da cidade nativa, portanto, suas tradições, organização, planejamentos e funcionamentos já estabelecidos também entendidos como ultrapassados, lentos, limitados, contrapondo a representação da “terra-do-já-teve”. Se estabelece então uma disputa de representações que reverbera ações na cidade.

Jornais como o Nova Fronteira, fundado em 1991, e o Novoeste, iniciado em 1990, expressaram e propagaram essa representação do novo regional. Mesmo apresentando matérias de cunho local, houve uma predominância da formação de uma opinião pública com um discurso regionalizante, tendo como força motriz o agronegócio, ora subtraindo protagonismos

locais relevantes em narrativas que tornaram os migrantes sulistas ou estrangeiros os mais proeminentes sujeitos da promoção do Oeste reproduzindo uma tese da colonização. (CÔRREA, 2018, p. 3)

A dinâmica da representação conflituosa entre o progresso e a saudade, alcança os lugares de e meios de disputas do domínio local, os jornais barreirenses que revelavam as representações da cidade que valorizavam as personalidades locais passam a representar como a possibilidade a migração dos sulistas, dos estrangeiros, dos modelos de agronegócio manufaturado, latifundiários, condiciona a possibilidade de não ficar para trás e acompanhar o futuro. O conflito entre as representações manifesta-se quando analisadas lado a lado, na dinâmica da cidade, o progresso extingue o passado pela assimilação e/ou superação.

#### ABORDAGEM TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICA E METODOLOGIA

Para resolução das problemáticas propostas, síntese da definição de cidade e os caminhos de análises de representações, nos apoiamos em Sandra Pesavento (2002), suas definições sobre materialidade do espaço físico, o mundo narrado que 'se parece' real na medida que o re-

presenta. Partimos de Roger Chartier (1992), sobre a produção de imaginário social, compreende que percepções sociais não neutras, pela impossibilidade de assim o ser, lutas de representações e suas repercussões, e recepções, apropriação, significações e ressignificações são fenômenos de investigação para atingir as relações sociais que as alicerçam, partindo da cultura para compreender o social.

Considerando a relações que envolvem a narrativa literária, intencionamos pensar a partir das proposições de Saidiya Hartman (2020) acerca da fantasia que constituem os registros na dinâmica em que se determina o que é passado, e Valter Soares (2009) acerca das noções de cidade narrada na literatura e as relações em que coexistem o passado e o futuro enquanto possibilidade de agenciamento de dominações de narrativas.

Atravessadas pelas referências de narrativa, cidade e representação, pensamos propor relações com os personagens/protagonismos das literaturas da cidade, referenciando Paul Ricoeur (1913), Gabriela Pereira (2019) e Diego Corrêa (2018), dentro dessa mesma prerrogativa intencionamos pesquisar a partir de Haesbaert (1997) e de Antônio Balbino como se estabelecem na cidade de

Barreiras as lógicas dos protagonismos e da luta de representações entre os povos do passado e os do futuro.

A pesquisa se organiza para ser desenvolvida por meio de análise bibliográfica referencial e descrição densa das fontes, para produzir análises acerca de materiais literários, jornais e de fotografias da cidade, atas da câmara de vereadores, acervos privados a fim de elaborar uma cartografia das sensações urbanas na literatura de Barreiras entre a representação do progresso e as narrativas da saudade. Pensamos a partir das literaturas: Breves memórias da terra-do-játeve; Candango's bar; Barreiras no centenário: a saga do oeste e de Barreiras, Bê-a... da Barra pra cá e um salto poético. Livros publicados sobre a cidade entre as décadas de 1950 e os anos 2000 revelando modalidades diferentes de cidade narrada, com teor saudoso na rememoração ao mesmo tempo que articulam a narrativa de progresso pela contraposição.

Uma história descreve uma sequência de ações e de experiências feitas por um certo número de personagens, quer reais, quer imaginários. Esses personagens são representados em situações que mudam ou a cuja mudança eles reagem. Por sua vez, essas mudanças revelam aspectos ocultos da situação e das personagens [...] (RICOEUR, 1913, p. 214)

Colocasse a linguagem da narrativa na produção do imaginário social das cidades apoiado no que se propõe em Michel de Certeau quando descreve sobre a realidade da narrativa, o que corrobora com o que Sandra Pesavento dispõe sobre o objeto cidade, a realidade do mundo que 'se parece' implica na realização de representações de mundo, sejam elas quais forem, guiam as formas de ocupar e viver nas cidades. No caso de Barreiras há expresso como os grupos criaram subalternidades nos projetos de cidade enquanto narrativa o que se expressa na materialização das representações.

Se, pois, o relato "daquilo que aconteceu" desapareceu da História (para, em contrapartida, aparecer na história vulgarizada), ou se a narração toma o aspecto de uma ficção própria de um tipo de discurso, não se poderia concluir daí o desaparecimento da referência ao real. Esta referência foi, ao invés, deslocada. Ela não é mais imediatamente dada pelos objetos narrados ou "reconstituídos". Está implicada na criação de "modelos" (destinados a tornar os objetos "pensáveis") proporcionados às práticas, pela confrontação com o que lhes resiste, o que os limita e exige outros modelos, finalmente, pela elucidação daquilo que tomou possível essa atividade inscrevendo-a numa economia particular (ou histórica), da produção social. (CERTEAU, 1982, p. 48)

A representação de cidade é tomada então como uma

forma de interpretá-la, para Sandra Pesavento, o que importa nela é como os indivíduos e coletivos executam apropriações, isto é, atribuem sentido ao que se expressa, materializada e narrada na dinâmica de cheios e vazios das relações sociais que constituem a cidade. Considerando esse pressuposto, aparecem nas narrativas representações não livres da possibilidade de manipulação (HARTMAN, 2020), elaboram assim as definições de domínio no que se conta do passado e sobre quem se conta.

Mas “embaixo” (down), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, Wandersmänner, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder lê-lo. (CERTEAU, 1982, p. 171)

Ler a cidade pelos praticantes ordinários nos pareceu uma forma de enxergar como se dão os processos de reforço da dominância e de resistência a ela. Em Candango's Bar, Joaquim da Matta, barreirense, narra para além da história do conto, uma descrição da cidade que conhecia e o que havia se tornado após a chegada da rodovia, sulistas, programas de agronegócio latifundiários - o progresso.

A cidade quase perdida no oeste baiano passou por uma transformação tão grande que parece, hoje, ser outra terra [...] as terras, de ótimo cultivo, passaram a ser cobijadas por sulistas [...] fixaram nas cercanias de Barreiras, com tecnologia adquirida nos seus Estados, através da lavoura mecanizada, com trator, pivô central de irrigação, adubo e uma vontade de mostrar serviço nunca dantes vista naquelas bandas. [...] Queriam dizer: esta é a terra onde jorra o leite e o mel. (MATTA, 20??, p. 07/08)

No que ele propõe enquanto interpretação de cidade faz parecer que mesmo em disputa existe uma definição de lugar para cada tipo de narrativa, no livro, ele descreve como a cidade era boa de se viver antes do progresso mas ainda assim reivindica as taxas de atraso ao passado “Na década de cinquenta, (Barreiras) tinha o mesmo panorama asfixiante do interior nordestino” (MATTA, 20??) Assim, entendemos um caminho de entendimento, a terra que hoje não existe mais, mobilizada pelo progresso, com rio “antes volumoso em água límpida, hoje parco de areia e mais magro, com a água mais barrenta” (MATTA, 20??) e palco do agronegócio, é narrada ao passo que expressa, a disputa de representações e de programas de dominação entre grupos e de relações sociais, articula estéticas e práticas cotidianas urbanas frutos dessa dinâmica.

Por isso nos apropriaremos de referências diversas sobre a Bahia, Brasil, uma revisão do estado da arte recorrendo a produções de outros campus de saber que nos alicercem nas interpretações para a compreensão da representação de progresso, do agronegócio, das manifestações culturais locais e dinâmicas urbanas, das relações conflitantes entre sulistas e nativos da cidade que configuraram práticas e representações nas narrativas que constituíram campo de disputa.

## OBJETIVOS

Investigar e compreender as lutas de representação nos imaginários, saudosista e do progresso, na literatura da cidade de Barreiras/BA, sua produção, repercussão, articulação de modelos de cidade, formas estéticas e os comportamentos sociais e territorialidades expressas.

Objetivos específicos:

1. Investigar a produção de imaginário, representações e narrativas na cidade de Barreiras/BA, referenciando produções locais e sobre o local.
2. Compreender a disputa de representações de mundo,

no contraponto entre saudade e progresso na cidade e os lugares sociais das apropriações e significações dos sujeitos.

3. Examinar a apropriação e direção de um projeto de progresso para cidade de Barreiras, compreender seu caráter, articuladores, processos de resistência e outras aparições de modelos progressistas distintos.

## REFERÊNCIAS

ARCINSKI, Fabiana Werneck (ORG.). **Sobre a Arte Brasileira: da pré-história aos anos 1960**. Edições Sesc São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

BARREIRAS. **Plano Diretor Urbano de Barreiras**. 1989/2005. Salvador-CPE: 1989. 2 Vol. CARIBÉ,C.; VALE, R. (Orgs.) **Oeste da Bahia**: trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. Editora Unesp, 2021.

CAVALCANT, J. M. ; CORRÊA, D. C. ; SOUZA, T. F. ; GUMES, A. G. M. ; SOUZA, B. P. . O DESENCANTAMENTO DA VIÚVA A cidade como estratégia de fragmentação do mundo Tuxá. **Revista Pixo**. <https://doi.org/10.15210/pixo.v5i19.20891>, v. 5, p. 144-165, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes, ed. 3, Petrópolis-RJ, 1998.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, n.16, p. 179-192, 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1992.

CORRÊA, D. C. ; MORAIS, I. L. de. O CAIS PERDEU O SEU ROMANTISMO?: A EMERGÊNCIA DE REPRESENTAÇÕES DO CAIS DE BARREIRAS-BA COMO CENTRO HISTÓRICO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX. In: Seminários Urbanismo na Bahia: urbanismos : ensino, prática, aprendizagem, 2019, Salvador. **Anais urbBA[19]**. Salvador: EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, 2019. v. 1. p. 274-284.

CORRÊA, D. C.. UMA CIVILIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E OS DESBRAVADORES DE UMA REGIÃO: EMERGÊNCIA E REMINISCÊNCIAS DE NARRATIVAS HISTÓRICAS COLONIALISTAS E OS RASTROS DA REINVENÇÃO DO OESTE DA BAHIA, EM BARREIRAS, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX. **Revista do Coletivo SECONBA**, v. 2, p. 3-16, 2018.

CORRÊA, D. C.; REIS, A. S. ; MORAES, I. L. . DIANTE DA FRONTEIRA, A CIDADE BARREIRAS NAS MARGENS O SENTIDO DA BIOPOLÍTICA E O NECROPODER (1988-1993). In: XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2021, Salvador. S471a Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (16.: 2021 : Salvador, BA) **Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 15-18 Junho 2021. - Salvador: UFBA, 2021, 2021. p. 1582- 1599.

CUNHA, João Fernandes da. **Memória Histórica de Juazeiro**. Salvador - UFBA, 1978.

DEUS FILHO, Pedro de. **Barreiras no centenário “A saga do Oeste”**. Brasília: s. ed., 1992.

GONZAGA, Luiz. Riacho do Navio. RCA VICTOR: 1955. (duração 2:56min)

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFFF, 1997.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020.

HESPANHA, Luiz. **Breves Memórias da Terra-do-já-teve**. Ed. do Autor, São Paulo. 2005.

Lei nº1.425/2019, de 17 de dezembro de 2019. Diário Oficial do Município de Barreiras-Bahia, Poder Executivo, Barreiras, BA, 20 de dezembro de 2019. Ed 3101, p. 308.

MAGALHÃES, Ermi ferrari. **Navegação no Rio São Francisco: da canoa ao último vapor**. 3º ed. - Juazeiro, 1981.

MATTA, Joaquim Reginaldo da. **CANDANGO’S BAR: Um romance do barreirense**. [20??]

MARTINS, Flávio Dantas. **O Rio São Francisco na história: o uso público da memória e o projeto de meio técnico-científico – Brasil 1930–1950**. Editora Universitária UFG. 2022.

PASSOS, Rogério Lucas Gonçalves; MOL, Natália Aguiar; OLIVEIRA, Lorena J. Coelho. **ASSENTAMENTOS INFORMAIS E LEGISLAÇÃO URBANA - INVISIBILIDADE OU NEGAÇÃO? O CASO DA VILA XURUPI-TA EM BARREIRAS, BA/BRASIL**. PEREIRA, Pedro Henrique Máximo. **Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2 / – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.**

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. 1º ed. - São Paulo: ANPUR e PPGAU-UFBA, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano : Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. [s.l.]: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa {tomo 1}**, tradução Constança Marcondes Cesar, Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SANTOS FILHO, Milton (Coord.). **O processo de urbanização no Oeste-Baiano**. Recife, SUDENE- DPG. PSU-URB, 1989.

SANTOS, C. C. M. . **O Espírito do Capitalismo na Ocupação dos Cerrados da Bahia e do Piauí**. 1. ed. Feira de Santana - Bahia: UEFS Editora, 2015.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

WAN-DALL JUNIOR, O. A.; REGO, F. L. ; ROCHA, J. C. . Da Vila Pape-lão à Comunidade Xurupita: sobre apagamentos urbanos no Oeste da Bahia. In: XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo - SHCU 30 Anos: Atualização Crítica, 2021, Salvador. **Anais [do] XVI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Salvador: UFBA, 2021. p. 2682-269